

LUSOFONIA & CÂNONE

Annabela Rita

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ CLEPUL

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

(351) 217 920 000 | info@letras.ulisboa.pt

Resumo: Pretende-se, com esta comunicação, reflectir sobre a relação entre Cânone Literário e Lusofonia, em especial para a funcionalidade estratégica do primeiro no reforço de uma identidade cultural comunitária alargada, transnacional.

Palavras-chaves: Literatura, Cânone, Lusofonia.

Abstract: With this communication, the intention is to reflect on the relationship between the Literary Canon and Lusophony, in particular for the strategic functionality of the first one in the reinforcement of a broad, transnational community cultural identity.

Key-words: Literature, Canon, Lusophony.

A problemática do Cânone Literário é nuclear na reflexão sobre a Literatura e sobre a Cultura de que é cristalização altamente elaborada, hipercodificada. Ao tema e à sua problematização dediquei já um volume (Luz & Sombras do Cânone Literário, 2014) e a Academia vai dedicando a sua atenção nos currículos e nos programas correspondentes. Os nossos ‘clássicos’ são aqueles que relemos e evocamos (Italo Calvino), que modelizam a nossa literatura e dominam os nossos programas académicos (Harold Bloom), que constituem as nossas listas (Umberto Eco)...

Daí as efemérides, maioritariamente, centenários: momentos de revisitação da nossa tradição, da memória que nos constitui como seres de cultura. O Cânone Literário compõe a constelação do nosso ‘céu’, aquele através do qual nos orientamos: cada obra é uma cristalização cultural de uma densidade reforçada pela dimensão estética, pelo programa artístico que a informa.

Alguns exemplos dispensam comentários, tal a familiaridade da referência que constituem.

Em 2016, p. ex., recordo, dentre os muitos possíveis pelo impressionante número de instituições que se associaram às iniciativas: 500 anos / *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Resende: Colóquio Internacional “A Lírica em Questão. Do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende à Atualidade”¹; 400 anos / Congresso Internacional Cervantes & Shakespeare: “400 Anos no Diálogo das Artes”²; Congresso Internacional Comemorativo dos 500 anos da *Utopia*: “Tomás Moro e o Sonho de um Mundo Melhor”³, etc.

Reconhecer-nos-íamos na perda destas referências? Reconhecê-los-íamos descontextualizados da(s) cultura(s) em que emergiram e que marcaram, nacional(is) e europeia(s)?

Quanto à Lusofonia, a sua dimensão intercultural fá-la surgir como poliédrica realidade. E será, também, por isso que se evidencia como matéria de debate e de controvérsia. Afinal, floresce de um longo e sinuoso itinerário que Fernando Cristóvão foi cartografando: um ‘cruzeiro’ (*Cruzeiro do Sul a Norte*, 1983), um dicionário (*Dicionário Temático da Lusofonia*, 2005-07), um ‘itinerário histórico’

¹ Ponte de Lima, 22/7/2016. Versão electrónica em <http://coloquiolirica2016.weebly.com/>.

² Lisboa, novembro/2016. Informações em <http://400cervantes-shakespeare.webnode.com/> e em <http://cervantesshakespeare400anos.blogspot.pt/>.

³ Lisboa, novembro/2016.

(*Da Lusitanidade à Lusofonia*, 2008), uma ‘peregrinação’ (*Nova Peregrinação por Diversificadas Latitudes da Língua Portuguesa*, 2017). Longe vai já o tempo do nacional, do luso-tropicalismo, de... é já tempo de interculturalidade, do princípio da incerteza (Heisenberg), das sociedades do espectáculo (Lipovetsky)...

Recentemente, saiu um volume de mais de 500 páginas na sequência de vasto debate sobre a questão da Literatura e seu contexto cultural no espaço lusófono⁴: *Lusofonia e Interculturalidade — Promessa e Travessia*, coordenado por Moisés de Lemos Martins⁵. Algumas das interrogações (“Lusofonia e Literatura: haverá cânone(s) lusófono(s)?”), das sugestões (“Sugestões de critérios convergentes prévios para a formação e definição de um cânone lusófono”), de hipóteses (“Lusofonia e globalização. A possibilidade de refazer utopias”), etc., da Lusofonia encarada como “reinvenção de comunidades e combate linguístico-cultural” ecoam no volume consagrando os avanços deste e de outros debates.

O Cânone será, por isso, o lugar onde as identidades se representam esteticamente configuradas, emocionalmente vibrantes, verbalmente discursivizadas, interculturalmente reveladas. Instância, por excelência. Espelho mágico das mais profundas e transversais hiperligações, da metamorfose das culturas em que se inscreve e que o geram.

Por essa funcionalidade forte, subtil, profunda e múltipla, é, naturalmente, matéria de controvérsia, apesar dos consensos. Visitemos uns e outros.

Alguns consensos

É uma questão magna do estudo da Literatura, seja qual for a perspectiva.

Autores como Harold Bloom, mas também George Steiner, Italo Calvino, Umberto Eco, Daniela Marcheschi, etc., no plano internacional, ou Vítor Manuel de Aguiar e Silva⁶, no nacional.

Cada Literatura nacional elenca os seus e os das outras. Listas de instituições académicas e culturais prestigiadas, de autores respeitados (*O Cânone Ocidental*, 1994, de Harold Bloom) ou em revisão.

⁴ Refiro-me, dentre outras iniciativas, à [International Conference “Interfaces da Lusofonia”](#), realizada entre 4-6/7/2013, na Universidade do Minho – Braga, no âmbito do projecto Identity Narratives and Social Memory Project, que atraiu investigadores de todo o mundo.

⁵ file:///C:/Users/User_2/Downloads/2219-7990-3-PB.pdf.

⁶ <http://observinguaportuguesa.org/canone-literario-lusofono-uma-ideia-que-provoca-resistencias/>.

Há autores e obras que resistem mais longamente às oscilações do gosto e às mudanças de paradigma cultural e estético, outros/as que soçobram e muitos que, depois, são redescobertos. A definição do Cânone Literário está estreitamente dependente do auto/hetero-reconhecimento estético culturalmente moldado.

Alguma controvérsia

No rigor da correspondência dos conceitos (cânone, nacional, europeu, ocidental, lusófono, aortal, etc.) à realidade que eles designam, assunto sobre que me ocupei noutra lugar⁷. E na sua existência de facto: se uns partem desse princípio, outros há que *propõem* que se definam/fixem esse(s) cânone(s).

Nas listas. Divergência de critérios de selecção e de constituição, como tive já ocasião de assinalar e exemplificar no caso de exemplos mais representativos, quer entre listas, quer na sua constituição (p. ex., Bloom integra obras *não literárias* na lista, atendendo à sua influência cultural), quer entre os diferentes momentos da cartografia do mesmo autor⁸.

Problemas da perspectiva da alteridade cultural

Apenas a título de exemplo, observando a proposta de Harold Bloom no que à Literatura Portuguesa se refere, anotei um imenso desequilíbrio compositivo no contraste entre épocas silenciadas e outras de grande concentração de autores:

- dois do séc. XVI (Luís Vaz de Camões [*Os Lusíadas*] e António Ferreira [*Poesia*])
- um do séc. XIX (Eça de Queirós [*Os Maias*])
- seis do séc. XX (Fernando Pessoa [*Mensagem, O Guardador de Rebanhos, Poemas, Poemas Escolhidos, O Livro do Desassossego*], Jorge de Sena [*Poemas Escolhidos*], José Saramago [*O Memorial do Convento*], José Cardoso Pires [*Balada da Paria dos Cães*], Sophia de Mello Breyner [*Poesias Escolhidas*] e Eugénio de Andrade [*Poesias Escolhidas*]), cinco dos quais da mesma geração⁹
- a falta de coincidência entre a proposta de Bloom e os protagonistas dessa reflexão (autores, teóricos, críticos, professores, investigadores): o auto-reconhecimento e o hetero-reconhecimento não se identificam.

Sobre este problema da alteridade perspéctica com implicações na leitura no caso específico das literaturas de nacionalidades emergentes, falarei adiante.

⁷ *Luz & Sombras no Cânone Literário*, Lisboa, Esfera do Caos, 2014.

⁸ *Ibidem*, especialmente, pp. 35-38.

⁹ *Ibidem*, pp. 35-36.

Cânone Literário Lusófono

Poderia continuar a fazer um levantamento de aspectos que marcam a reflexão que informa a do Cânone Literário Lusófono, mas avancemos para este.

Na desejada e importante constituição de um Cânone Lusófono como instrumento de formação identitária da comunidade que por essa designação se sente abrangida, as dificuldades de realizar tal desiderato, muitas e diversificadas, têm sido motivo de sistemática reivindicação de que ele resulte de *proposta dos próprios*: de cada Literatura e comunidade, entendendo por esta o conjunto dos seus protagonistas (autores, teóricos, críticos, professores, investigadores), com destaque para os seus 'artífices'. A proposta de Fernando Cristóvão chega mais longe: concretiza critérios para a constituição dos seus principais instrumentos de trabalho, as antologias, séries e histórias literárias conjuntas¹⁰.

No entanto, os problemas e as dificuldades espreitam. Lembro apenas alguns.

Para o Cânone Literário Lusófono: alguns problemas

Em grande angular

Plural ou singular? Se a proposta é dos próprios, parece que o todo seria a soma das partes. Está por provar o reconhecimento de cada comunidade nesse *puzzle* totalizador, sendo certo que a falta de consenso dificultaria o singular...

O lugar e a função de certos autores que se situam exactamente nas fronteiras temporais e nacionais que hoje justificam falar-se de Lusofonia: marcaram de modo indelével a génese de uma literatura nacional grafada em língua portuguesa com uma *inscrição epicentrada* que os constitui como *estranhezas* n/dessas diferentes margens do rio da escrita.

A influência das relações entre os diferentes espaços lusófonos (a nível político, académico, etc.): p. ex., no Brasil, assinala-se o contraste entre a anunciada possibilidade de eliminação da obrigatoriedade do estudo da Literatura portuguesa, retirando-a da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), e o reforço da presença das literaturas africanas nas escolas e universidades brasileiras.

¹⁰ Cf. Sugestões de critérios convergentes prévios para a formação e definição de um cânone lusófono.

O progressivo apagamento da Literatura nos programas académicos de alguns dos espaços nacionais, reduzindo-lhe o espaço vital para as academias, onde a tendência de predomínio da modernidade e da contemporaneidade chega à quase rasura do clássico e do medieval. Esse movimento está a tender a reduzir o *cânone nacional* a um itinerário a tracejado, com figuras salientes sem companhia na paisagem do seu tempo. A corrosão do cânone, em hipótese académica, poderá chegar à sua rarefacção e à perda de validade desse vestígio que nos programas académicos se consagra, impondo a necessidade de redefinição conceptual do cânone em função quase exclusivamente dos especialistas da Literatura...

Um exemplo

Um exemplo representativo tomado no quadro da Literatura luso-moçambicana: António Quadros (António Augusto de Melo Lucena e Quadros, n. 1933 — m. 1994), cuja tentação heteronímica o tornou conhecido como João Pedro Grabato Dias, Mutimati Barnabé João e Frey Ioannes Grabatus. Com extensa e diversificada obra literária e nas artes visuais (pintura, escultura, cerâmica, cartazes, ilustração, infodesenho, etc.) em Moçambique e em Portugal, fez parte do repertório de cantores como José Afonso e Amélia Muge.

Se os seus nomes e títulos literários¹¹ já insinuam a oscilação entre esferas culturais e estéticas diferentes, a leitura das obras exhibe uma espantosa tessitura que se deseja *identitária* para uma *literatura moçambicana*, trabalhando fios e desenhos que toma em diferentes origens: no cânone ocidental, no nacional português, popular e erudito, e na literatura e nas artes tradicionais populares moçambicanas, onde já seria cartografável escrita de autor, que também convoca.

A obra de António Quadros constitui-se como autêntico *labirinto de paródia* que manipula os fantasmas dos nossos *museus imaginários*, em especial nessa memória mais íntima e identitária. É o caso da *Bíblia* e d'*Os Lusíadas*, unindo sagrado e profano, ocidental e nacional. No IV Centenário Camoniano, simbolicamente, ofereceu-nos *As Quybyrycas* (1972), “poema éthyco em ovtavas que corre como sendo de Luiz Vaaz de Camões *em Suspeitíssima Atribuição*” em que se ocultava

¹¹ Na literatura: *40 e Tal Sonetos de Amor e Circunstância e Uma Canção Desesperada* (1970), *O Morto* (1971), *A Arca — Ode Didáctica na Primeira Pessoa* (1971), *Uma Meditação, 21 Laurentinas e Dois Fabulários Falhados* (1971), *Eu, O Povo* (1975), *Facto-Fado* (1986), *O Povo é Nós* (1991), *Quybyrycas* (1991), *Sete Contos para um Carnaval* (1992).

Frey Ioannes Grabatus, segundo intrincada ficção das origens que Jorge de Sena lhe inventa, invocando também um suposto manuscrito de um hipotético Luís Franco Correia, cumprindo promessa feita a D. Sebastião de continuar a saga portuguesa a partir d'*Os Lusíadas*: a batalha de Alcácer-Quibir é a matéria épica que “se encontrava oculta, como tudo em *Os Lusíadas*, uma chave do acontecimento que, alacrememente, aceitamos prefaciá-lo.” (Quadros, 1991: 19). Na obra, o objectivo é já diverso do camoniano, o canto perdeu o tónus épico e o timbre aproxima-se do do Velho do Restelo quando o cantor interpela D. Sebastião, ao mesmo tempo que se aproxima da convocatória e enevoadada *Mensagem* pessoana.

Com *A Arca: Ode Didáctica na Primeira Pessoa — Tradução do Sânscrito Ptolomaico e Versão Contida* (1971) de João Pedro Grabato Dias, António Quadros impõe Noé e a *Bíblia* na sua casa de espelhos, partilhando o centro com *As Quibyrycas*.

Na obra do autor, só estes dois livros seriam suficientes para demonstrar o profundo trabalho de arqueologia e de construção identitária no quadro de uma literatura emergente, a moçambicana, mas também de uma que no leito da anterior se renovou¹². Mas será também isso que o tornará progressivamente mais *estranho* para qualquer das comunidades nacionais lusófonas...

Ora, poderá haver um *cânone* nacional ou de comunidade de nações sem autores assim? E com eles?

Enfim...

... o levantamento destes e de outros problemas poderá promover profundas alterações nas pedagogias, nos modelos de bibliografia e de programas para que se constitua um *cânone* lusófono e, provavelmente, o plural terá de ser sempre usado...

... o *Cânone Literário*, na proposta de Bloom e na revisão que ela sofre para adaptação aos diferentes *corpus* literários (nacionais, transnacionais, autorais, etc.) é inquestionavelmente um instrumento muito útil, estratégico, para a vida dessa mesma Literatura (criação, leitura, investigação, ensino) e todos os contributos são

¹² Muitas foram e vão sendo as revisitações d'*Os Lusíadas* de Camões, mesmo declaradas: desde as totais, como *Os Lusíadas do séc. XIX. Poema Heroi-Comico* (paródia) (Almeida, 1865), até às parciais, como a da *Paródia ao Primeiro Canto de Os Lusíadas de Camões por Quatro Estudantes de Évora em 1589* (AA. VV., 1880). E longa e rica é a história da paródia na bibliografia portuguesa (cf. Curto, 2003: 21).

valiosos, mas o seu panorama é fluido, apesar de alguns pontos luminosos mais permanentes...

O tempo se encarregará de responder a estas questões levantadas por hipóteses *bem intencionadas...*